

JESUS: DEUS EM “CARNE E OSSO”

Paulo Antônio Couto Faria²⁵

Resumo:

A expressão popular que dá título a esta comunicação está em perfeita coerência com o itinerário do termo “carne” no evangelho de São João, ao referir-se à presença “plena” de Deus em Jesus. Esta é uma das inferências que se pode retirar dos aportes exegéticos de Xavier Léon-Dufour e Johan Konings, ao tratarem do quarto evangelho. Apresentamos num primeiro momento, a “carne” como categoria chave da mística Joanina. O evangelho espiritual, como é comumente conhecido, apresenta, em primeiro plano, a “carne” de Jesus como acesso único ao seu Espírito. Não há, portanto, como acessar a mais alta realidade espiritual ou mística fora do corpo. O Espírito é glorificado na Carne, reforçando a mútua imbricação entre corpo e espírito, característica da antropologia teológica cristã. Segundo Paula Sibilia, o corpo, hoje, se encontra sob o bombardeio das mais diversas técnicas de potencialização, promovido pela tecnociência. Estas intervenções são possíveis na medida em que o corpo é esvaziado de espírito. É “coisificado”. Segundo a antropologia teológica Joanina, iludem-se aqueles que julgam intervir no corpo sem alterar o espírito. Deste ponto é que saem as delicadas questões éticas, alvos de intensos debates e controvérsias. Com intenção de provocar a reflexão concluiremos com questões do tipo: haveria como pensar teologicamente e espiritualmente o corpo no sentido técnico-científico? O corpo técnico é um corpo vazio, ou habitado por outra forma de compreender a dimensão espiritual? Como a antropologia teológica, de posse das indicações Joaninas, poderá dialogar (ou não!) com uma antropologia advinda das constantes, e desejada, mutações do corpo pela técnica?

Palavras-chave: Evangelho de João; Corpo; Espírito; Tecnociência, Teologia.

O título nos remete a uma conhecida expressão popular para dizer a presença inteira de alguém em determinado lugar. A expressão pode, mas muito raramente, referir à semelhança extrema que uma pessoa tem com a outra. Seja num ou noutro sentido, este dito popular pode ser aplicado perfeitamente ao que João quer dizer, ou melhor, testemunhar de Jesus através do seu evangelho. Ele é Deus em “carne e osso”! Ou seja, ele é plenamente Deus. Desta forma exclui qualquer engano: Jesus é Deus mesmo, o “logos” feito carne.

Ainda é muito comum entre nós a dicotomia cartesiana entre corpo e alma, *res extensa* e *res cogitans*. O que nos remete à cisão entre espiritual e corporal, entre santo e

²⁵ Mestre em Teologia pela FAJE, doutorando em teologia pela FAJE, Bolsista CAPES. E-mail: pauloantoniocoutofaria@yahoo.com.br

mundano. Neste ponto parece paradoxal que evangelho chamado “espiritual”, representado pela águia com sua visão aguda e profunda e asas que a levam aos picos mais elevados, tenha centrado seu discurso sobre a “carne”, “colada” ao chão e ao mundo. A carne, surpreendentemente, é presença do espírito, desta forma o evangelho espiritual justifica sua fama, não por elevar o leitor às alturas místicas, mas por trazer a mais profunda mística para o interior daquilo que é mais humano, a carne. O contraste aparece logo em Jo 1,1-14, onde se anuncia que “o verbo se fez carne”, mas não tem sua origem na carne, marcando uma diferença qualitativa entre a carne humana e a “carne de Deus”, sem que uma negue os despreze a outra.

A carne humana é física, é cultural, é histórica, é política, é existencial. Por este motivo o primeiro conceito correlato ao de carne é mundo. Toda carne tem mundo, uma vez que Deus e seu Filho já habitavam o mundo desde o princípio (Jo 1, 9-10), (DUFOUR, 1996, p. 57). Em Jesus, Deus inaugura uma forma totalmente única de habitar o mundo: através da carne que é forma inédita de relação com o mundo e também com aquela parte predileta do mundo, presente em Jo1,11 “veio para o que é seu, e os seus não o receberam”. A rejeição que Jesus sofreu, do mundo e dos “seus”, não consiste numa resistência a Deus simplesmente, mas o Deus *na carne* que armou sua tenda no “quintal” da humanidade. É a partir da debilidade da carne que o Logos estabelece a sua nova condição, que em nada se opõe à sua condição primeira, descrita em Jo 1,1 de estar junto de Deus: descido do céu para a vida do mundo (Jo 6,51), (DUFOUR, 1996, p. 92).

Esta nova relação que Deus estabelece com o mundo fundamenta posturas ético-teológicas que sugerem frequentemente uma guinada na práxis cristã: temos de sentir o mundo na carne do pobre, ser pobre com os pobres etc. Não são estes os apelos da Teologia da Libertação? E ainda, no diálogo inter-religioso é necessário, por exemplo, “fazer-se judeu” para dialogar, a partir de dentro, com o judaísmo. O cristão mantém a sua identidade, mas muda sua forma de relacionar com outro. Assumindo a carne do outro. Esta é a forma de salvar a carne de seu natural apodrecimento, em função de certos “espiritualismos” necrosantes.

Toda estrutura simbólica se apoia sobre um elemento material: a carne, tomada no seu sentido amplo de coisas próprias do mundo humano, é este elemento que sustenta toda a simbologia do quarto evangelho de modo que todos os ditos “sinais” estão, de

alguma forma, a ela referidos. O vinho bom de Caná depende da simples água (Jo 2), o templo material ajuda entender o templo que é corpo de Jesus (Jo 2,21); o binômio carne/espírito na conversa com Nicodemos foge do dualismo e indica o círculo hermenêutico entre duas realidades que aqui e agora devem se fecundar (Jo 3,6). Notemos que o diálogo versa sobre “coisas da terra” e não do céu (Jo 3,12), ou seja, as coisas da carne nascida com o espírito. A mesma estrutura carne/espírito se mostra no Jesus a água viva, ou a água vivificada pelo espírito (Jo 4,10), quem tiver sede a Ele deve ir e se saciar (Jo 7,37). Mas também quem tiver fome: Uma vez alimentado pela vontade de Deus (Jo 4,34) ele mesmo se faz alimento, “pão da vida” (Jo 6,34); o pão vivo descido do céu, que é sua carne e sangue (Jo 6,51).

A carne traz consigo todas as referências humanas e transpassa-as no espírito. Ninguém vê senão a carne, ou as coisas da carne, mas quem as vendo, crê em Deus que ali age, este é o verdadeiro discípulo. Jesus pede apenas que se creia, esta é a obra humana: “A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou” (6,28). Não se trata de um crer vazio, mas um crer que significa amar. Amor na carne.

Os estudiosos do quarto evangelho são unânimes no que toca a narrativa da paixão e morte, onde se apresentam alguns diferenciais com relação aos sinóticos que reforçam a ideia de uma glorificação de Jesus enquanto carne, enquanto existência histórica. Tuni Vancells evidencia: em Jo 19,14-22, Pilatos apresenta Jesus como Rei, é dada relevância única ao letreiro da cruz: “Jesus Nazareu, o rei dos Judeus”. Em todo o relato, Jesus se apresenta como majestoso, como um rei em direção à posse do trono e não como um condenado em direção à cadeira elétrica; os relatos de humilhação e zombaria são omitidos. Há uma grande ironia no relato da paixão. Enquanto os Judeus e Pilatos pensam estar condenando e eliminando Jesus, João organiza de tal forma o relato que Jesus está se afirmando como Rei, num momento supremo de sua Glória (TUÑI VANCELLS, 1989, p. 63).

O paradoxo da cruz fica evidente no relato joanino: Jesus, com a carne cravada na cruz, crava a Glória na carne. A partir daqui concluímos que toda realidade carnal pode, pelo menos em potência²⁶, manifestar a plenitude da Glória do espírito, a mesma Glória em que o Verbo Jesus habitava no princípio (Jo 1,1). É na cruz que o mistério da

²⁶ Em 8,15 “Vós julgais segundo a carne”, é o único momento em que a palavra carne tem um sentido negativo em todo relato. Significa julgar pela aparência ou de forma superficial.

encarnação tem seu acabamento final. Neste sentido, é sugestiva a expressão de Konings: “o presépio e a cruz são da mesma madeira” (KONINGS, 2000, p. 89). A matéria prima teológica da encarnação é a mesma da crucificação. Podemos imaginar um arco que inicia no prólogo até a cruz. O caminho de Jesus em João percorre este arco da Glória original para a Glória originada, Glória em Deus para Glória da carne. O prólogo abre o caminho da Glória e a paixão é o ponto de plenitude. O caminho da Glória é o caminho percorrido pela carne, é a história de Jesus carne, caminho repleto de sinais, sinais da Glória (2,11) na carne. Podemos fazer uma leitura prospectiva da encarnação fazendo o percurso do mistério de Deus, em Jesus, do presépio à cruz. Mas é também legítima uma leitura retrospectiva fazendo recuar a Glória da cruz até o presépio.

Se todos os evangelhos reúnem e são testemunhas do mistério que é Jesus, a peculiaridade do testemunho joanino está em mostrar que Jesus foi testemunha do Pai, em “carne e osso”. E isto só pode ser dito por alguém que de fato foi testemunha, que pode tocar na “carne de Deus”, o próprio Jesus Cristo (DUFOUR, 1996, p. 37). A polêmica entre o Jesus histórico e o Cristo da fé no esquema joanino se resolve no testemunho espiritual da carne. Quem vê a carne, vê o espírito, esta é a lógica do crer. Aqui se apresenta o binômio “ver e crer”, tema bastante conhecido dentro do quarto evangelho. A partir do tema da carne, aparece um testemunho em cascata: Deus é testemunhado por Jesus (Jo 3,12 ss;), testemunho este, afirmado por João Batista (Jo 1,6; 19,34; 3,28; especialmente 3,31 ss; por uma samaritana (4,39); um funcionário real (4,53); um paralítico (Jo 5, 15) testemunhados por João evangelista, cujo escrito é testemunha de todo o processo anterior, e cujo leitor também é convidado a ser testemunha deste conjunto (Jo 20,30). E na medida que se é testemunha também se é habitado pelo espírito, da mesma forma que Deus se doou em “carne e osso” em Jesus (Jo1.14), também se doa e, portanto, habita na carne de cada um que o testemunha (Jo14, 23). Pela força do testemunho é que se mostra a Cristologia de João ou, melhor ainda, a sua “Cristoteologia”, querendo expressar a conformidade primeira e última de Jesus com Deus-Pai. (Jo 5,15 ss; 7,16 ss). Conformidade que é apresentada pela carne, potencializada pela “graça e verdade” (1,17b).

É em relação a esta potencialização da carne que queremos deixar nossas questões finais, sobre a relevância do discurso Joanino, justo num tempo em que assistimos em muitas direções, a potencialização da carne pela tecnociência, mas no

sentido de aparência, o qual não é desconhecido do quarto evangelho: “Vós julgais conforme a carne” (Jo 8,15). A carne sem espírito é destituída de sua humanidade, por uma exacerbação do técnico, do funcional, da aparência, podendo ser, assim, legitimamente manipulada. A carne, seccionada do espírito qualificada como técnica, desembaraçada dos “entraves do espírito”, pode reverenciar e se sujeitar aos infinitos recursos da tecnociência a fim de fazer-se mais forte, mais jovial, mais plena de uma vida que promete imortalidade do corpo. Esta carne, pela tecnociência, livre dos mais diversos tipos de apodrecimento, fragiliza-se à beira da “necrose do espírito”.

E por falar em imortalidade, uma das últimas promessas da ciência é fazer uma tradução da vida em “padrões de informação”. Já temos o DNA que nos identifica de forma inconfundível, agora serão os *bytes* que de tal maneira agrupados, abarcarão não só o DNA, mas toda a história, as experiências acumuladas de uma pessoa, podendo então guardar a *corpo-byte* em um destes *chips* que desoneram o corpo da tirania espaço-temporal, transformando-o em elemento de uma linguagem técnica: A carne pode ser traduzida em um *padrão de informação*²⁷.

Qual relevância de um discurso teológico que glorifica Deus na carne, para uma carne que se glorifica a si mesma (Jo 5,44)? Se pensarmos bem, o problema do discurso teológico não está em como se entende Deus, mas como se entende o homem, a carne.

Há uma ponte sugestiva com o texto evangélico ora estudado, no sentido de que o movimento da tecnociência é o reverso da teologia do corpo em João: para a tecnociência, a carne, desinformada do espírito, é feita palavra ou *padrão de informação* e aí ela se imortaliza. Para o evangelista é o Verbo Palavra, que traz em si o *padrão de informação* a respeito de Deus, que por puro dom, informa a carne da plenitude do espírito. É a glória da carne em Jesus Cristo. A afirmação da preexistência da Palavra não diminui, mas reforça o teor revelador de sua existência humana, de sua “práxis” histórica. Por ser pré-existente é que ela também pode ser eternamente existente. Notemos que partindo de polaridades distintas a tecnociência e o relato Joanino promovem o encontro entre a palavra e carne. Na primeira a carne se torna palavra, e na segunda é a Palavra que se faz carne. Nas duas é a Palavra que glorifica a carne. Uma é a palavra de Deus, outra é a palavra da técnica. Esta polaridade invertida de

²⁷ SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002. 3ª. Ed. Esta obra desenvolve esta idéia com riqueza de detalhes ao longo do seu relato, por esta razão não cabe a referência particular a uma página específica.

pressupostos pode ser um bom ponto de partida para a edificação de uma teologia do corpo, associando os dados da Sagrada Escritura com os últimos dados da ciência. Tarefa instigante para uma antropologia teológica que poderia se perguntar: haveria como pensar teologicamente e espiritualmente o corpo no sentido técnico-científico? O corpo técnico é um corpo vazio, ou habitado por outra forma de compreender a dimensão espiritual? Como a antropologia teológica, de posse das indicações Joaninas, poderá dialogar (ou não!) com uma antropologia advinda das constantes, e desejadas, mutações do corpo pela técnica? O corpo transformado, “siliconizado”, é testemunha de quê, de qual “espírito”? Poderíamos ainda pensar, teologicamente, a relação do corpo dos atletas, com as Glórias das medalhas? O “medalhismo” poderia continuar sendo o espírito que anima o esporte? Quanto esforço, disciplina, intervenções cirúrgicas, entorses, que submetem o corpo ao ideal de ser o melhor de todos, e não o melhor que puder. Tal como a cruz, a medalha tem seu peso e seu preço: vale a pena pagá-lo? Isto para não nos alongarmos nas enormes somas de dinheiro, que comparam e vendem os corpos e suas habilidades no futebol e outros esportes milionários. Estas são questões que aqui só podemos anunciar ou convidar, pois, no momento, está além dos limites de nossa reflexão e deste trabalho. Em todo caso João nos deixa a lição verdadeira: qualquer intervenção no corpo, não deixa incólume o espírito.

Referências:

- BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1989. 4ª ed.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. Amor e fidelidade. Vozes/Sinodal, 2000.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho de segundo João I*. Palavra de Deus. Loyola, 1996.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico Corpo*, subjetividade e tecnologias digitais. Relume Dumará, 2002.
- TUÑI VANCELLS, J.O. *O testemunho do evangelho de João*. Vozes, 1989.